

Educação midiática para a pessoa idosa¹

Gisele Nunes Brasil²

Resumo expandido

A educação midiática é um tema que tem ganhado cada vez mais espaço nos estudos de comunicação, especialmente diante da atual dinâmica social, muito moldada pelo uso de redes sociais e pelo acesso direto a informações descontextualizadas e, muitas vezes, falsas. Nesse sentido, um caminho que aparece como potencial solução para parte do problema é promover ações de educação midiática.

Esse termo, aliás, já aparece na literatura acadêmica há um bom tempo e de diferentes maneiras. Educomunicação, alfabetização midiática e literacia digital, por exemplo, são termos ou conceitos que se aproximam daquilo que, aqui, chamo de educação midiática. Não pretendo, neste momento, debater as diferenças entre esses termos, mas acho importante justificar que a minha escolha em abordar o assunto como educação midiática se deve, em grande parte, à adoção do termo pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, que elaborou a Estratégia Brasileira de Educação Midiática e, desde 2023, realiza a Semana Brasileira de Educação Midiática (SECOM, 2023). Essa ação tem disseminado iniciativas pelo país e fomentado pesquisas em diversos campos acadêmicos. A minha, em certo sentido, é também parte desse movimento.

Qualquer pesquisa sobre educação midiática vai retornar, seguramente, inúmeras iniciativas voltadas para o público jovem. Ações em escolas, voltadas para estudantes da educação básica, têm como propósito contribuir com a redução de assimetrias informacionais. No caso dos jovens,

¹ Trabalho apresentado no Eixo 19: Literacias de mídia e informação, do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cáster Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB, gnbrasil@gmail.com.

a maioria deles intensamente envolvidos nas redes sociais, essa iniciativa me parece extremamente válida e relevante. Mas este não é o único público vulnerável em relação ao acesso e ao processo de interpretação de informações. É por esse motivo que, em minha pesquisa, procuro investigar ações de educação midiática para o público com mais de 60 anos.

Ainda que existam estudos que mostrem a vulnerabilidade da pessoa idosa em relação à desinformação (Guess, 2019), a minha ideia aqui é refletir sobre a intergeracionalidade e a necessidade de uma educação para o envelhecimento dentro da educação midiática. Afinal, tratar a pessoa idosa apenas como alvo de políticas públicas e não como participante do processo não parece ser o caminho mais produtivo:

É preciso pensar no protagonismo da pessoa idosa a partir das relações intergeracionais, por meio de estratégias que fortaleçam a solidariedade intergeracional, mas, com a voz e o pensamento das pessoas idosas, as quais precisam ser ouvidas e respeitadas para o empoderamento coletivo (Castro *et. al.*, 2024, p.5)

Talvez seja tentador supor que a vulnerabilidade da pessoa idosa em relação às mídias digitais se deve a uma incapacidade de adaptação a um ambiente cultural tão mutável e complexo quanto a internet no século XXI. Afinal, algoritmos, plataformas, redes sociais e inteligência artificial generativa não são, de fato, coisas simples de se entender. Mas acredito que atribuir essa dificuldade (e a suscetibilidade a ser vítima de golpes e *fake news*) a uma falha pessoal é não apenas injusto, como nocivo.

As plataformas digitais, impostas pelas *Big Techs* com uma lógica universalizante, apresentam um modelo de interação e velocidade que sistematicamente marginaliza todos que, por qualquer motivo, não querem ou não conseguem optar por seguir esse ritmo. Nesse processo, os saberes, as práticas comunicacionais e os critérios de percepção da realidade desenvolvidos por pessoas idosas ao longo da vida acabam sendo invalidados, gerando um tipo de epistemicídio digital, que os coloca como passivos e desprotegidos. Mas há um contrassenso nesse ponto. Essas pessoas estão

no *WhatsApp*, nas redes sociais e, se são vítimas de *fake news*, é justamente porque estão dentro dessa mesma estrutura hegemônica das plataformas.

Um ponto importante do argumento que quero desenvolver está nesse contrassenso: as pessoas idosas, apesar de estarem presentes nas redes sociais, são tratadas como alheias ao universo digital. Tal percepção reforça estereótipos de incompetência tecnológica e oculta o fato de que sua participação se dá dentro de um ambiente estruturalmente excludente, desenhado por e para uma lógica de juventude, aceleração e atualização constante. Eli Pariser (2012), ao falar sobre os filtros invisíveis das redes sociais, mostra que a inclusão digital não se limita ao acesso, mas envolve a compreensão das mediações tecnológicas. Logo, a presença dos idosos nas redes não é, necessariamente, sinônimo de pertencimento. Eles estão “dentro” das plataformas, mas frequentemente submetidos a uma forma de inclusão excludente.

A ideia de epistemicídio digital é aqui inspirada no conceito de epistemicídio formulado por Boaventura de Sousa Santos (2013), que denuncia a destruição sistemática dos saberes não ocidentais e populares pelo colonialismo epistêmico moderno. Esta noção pode ser mobilizada para pensar a invisibilização dos saberes das pessoas idosas no contexto da cibercultura. Na lógica das grandes plataformas, como observa Shoshana Zuboff (2019), os usuários são transformados em fontes de dados, submetidos a uma racionalidade algorítmica extrativista que privilegia a velocidade, a quantificação, a previsão de comportamentos. Os modos de conhecer que exigem tempo, escuta, memória, vivência e mediação crítica (características associadas à experiência dos idosos) são frequentemente descartados ou marginalizados.

Nesse contexto, acredito que a educação midiática para idosos não deve simplesmente adaptar ações existentes para esse público, mas partir de um tipo de ação que seja criada para essas pessoas, de forma contextualizada e particularmente vinculada às suas demandas. Assim, a educação midiática não surgirá como um paliativo, mas como uma potencial ferramenta decolonial, permitindo um caminho de fuga da “colonialidade do poder” (Quijano, 2005). Nesta perspectiva,

é preciso evitar esse epistemicídio digital da pessoa idosa, que vem tendo suas formas de conhecer e entender a realidade substituídas pela lógica extrativista e acelerada das plataformas.

Esta pesquisa que pretendo apresentar adotará uma abordagem qualitativa e exploratória, com dois eixos principais:

1. Revisão bibliográfica crítica, baseada em autores que discutem: a lógica das plataformas digitais e o capitalismo de vigilância (Zuboff, Pariser); os efeitos da colonialidade na produção e circulação de saberes (Quijano, Santos); o campo da educação midiática (David Buckingham, Ismar Soares, Cristiane Parente).
2. Mapeamento e análise de iniciativas de educação midiática voltadas para pessoas idosas, desenvolvidas em diferentes contextos socioculturais, tanto no Brasil quanto em outros países. Esse levantamento será realizado, neste momento, exclusivamente com base em bancos de dados acadêmicos. A ideia é pesquisar iniciativas reportadas em artigos publicados a partir de 2020, de acordo com os seguintes critérios: existência de propostas formativas específicas para idosos; estratégias metodológicas utilizadas; e potencial emancipador.

A educação midiática, em sua vertente crítica (Buckingham, 2022), busca promover a capacidade de ler, interpretar, questionar e produzir informações em diferentes formatos e mídias. No Brasil, autores como Ismar de Oliveira Soares (2017) defendem a integração entre mídia e educação como caminho para fortalecer a cidadania comunicativa. É nessa direção que a educação midiática voltada para idosos pode ser lida como uma prática de inclusão ativa, que não apenas combate a desinformação, mas reafirma o direito ao conhecimento e à expressão crítica em todas as fases da vida.

A minha hipótese é que há, ainda, uma escassez de ações de educação midiática voltadas para o público idoso, o que aponta para uma lacuna de ações, tanto no campo das políticas públicas quanto no meio acadêmico. A partir disto, o que pretendo argumentar é que a educação midiática para

idosos se justifica como uma ação de base, necessária para evitar a exclusão deste grupo de pessoas, e não para compensar uma pretensa falta de habilidade com o mundo digital.

Palavras-chave

Educação midiática; Desinformação; Tecnologia digital; Pessoa idosa; Intergeracionalidade.

Referências

BUCKINGHAM, D. **Manifesto pela educação midiática**. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

CASTRO, Ana Paula; Pinto, Antônio Germane; Guimarães, José Maria; Torres, Geanne Maria; Morais, Ana Patrícia. Intergeracionalidade e promoção da saúde: reflexões e desafios na atenção à pessoa idosa. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.* n. 27, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562024027.230093.pt> Acesso em 19/07/2025

GUESS, Andrew et al. Less than you think: Prevalence and predictors of fake news dissemination on Facebook. *Science Advances*, 5 (2019). Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.aau4586> Acesso em: 17/07/2025

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: O que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: Santos, Boaventura; Meneses, Maria. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2013.

SECOM. **Coletânea Educação Midiática**. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/educacao-midiatica> Acesso em: 17/07/2025

SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil (Org.). **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo: ABPEducom, 2017.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.